

SESSÃO 44 – RESUMO

DEVIR-MULHER DA ESCRITA

A maquinaria inventada pelo grupo prolifera a partir do conceito de devir-mulher, disparando um devir-mulher da escrita. Os quatro trabalhos compõem uma diagonal com o VI Seminário Conexões: “Deleuze e Máquinas e Devires e ...”, pois assim como o pensamento deleuziano é atravessado pelas intensidades que se produzem na relação com o plano de imanência, o devir-mulher da escrita faz voz das intensidades em devir. Mesmo sendo as integrantes todas mulheres, o exercício do devir-mulher da escrita é molecular e não está associado à forma mulher, ao feminino-molar. Molar no sentido impresso por Deleuze e Guattari (1980/2008), onde há organização dos elementos nos extratos de forma delimitada e representativa. Enquanto a organização molecular inclui os fluxos, as intensidades e devires. Os trabalhos são composições de um feminino-molecular, enquanto fluxo e forças e enquanto minoria. Minoria como devir todo mundo e feminino como um devir, haja vista que “todo devir é minoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/2008, p. 87). Feminino como um devir-mulher “de nós todos, quer sejamos masculinos ou femininos” (Idem, p. 174). Rente à proposta do VI Conexões, os textos apresentados pelo grupo foram afetados por notas, comentários e acréscimos marginais, criados pelas próprias integrantes do grupo, produzindo novas conexões e disparando outros devires.

Referência

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1980/2008a.